

Repetição e existência em *El entenado*, de Juan José Saer¹

Antônio Davis Pereira Júnior

Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Caixa Postal 6045 – 13083-970 – Campinas – SP davisjr@gmx.net

Abstract. *El entenado* is the Argentinian author Juan José Saer's novel that, until now, critics have analyzed in more detail. The present paper, which takes some studies of Julio Premat, Edgardo H. Berg and María Teresa Gramuglio as a starting point, proposes to investigate the role played by the novel in the configuration of the typical Saer's narrative's circularity. Since Saer himself describes the normative thematic system to which this circularity seems to be submitted as "el eterno retorno de lo idéntico" (the eternal return of the same), it interests here to discuss about how *El entenado* contributes to the constitution of this "idéntico".

Keywords. Juan José Saer; *El entenado*; Narrative's circularity.

Resumo. *O enteado* é a obra do argentino Juan José Saer sobre a qual a crítica tem, até o momento, se debruçado com mais vagar. O presente artigo, que toma como ponto de partida alguns trabalhos de Julio Premat, Edgardo H. Berg e María Teresa Gramuglio, se propõe a investigar o papel exercido pelo romance na configuração da circularidade narrativa característica da obra do escritor argentino. Se o próprio Saer descreve o sistema temático normativo a que ela aparece submetida como "el eterno retorno de lo idéntico", interessa aqui refletir sobre a maneira como *O enteado* contribui para a constituição desse "idéntico".

Palavras-chave. Juan José Saer; *O enteado*; Circularidade narrativa.

1. "Una concesión pedagógica"

Em 1984, a professora María Teresa Gramuglio solicitou a Saer um texto para o prólogo de uma antologia de contos e poemas selecionados pelo próprio autor, no qual aparece, justamente sob a rubrica "Una concesión pedagógica", um dos raros momentos de sistematização abertamente biográfica levados a cabo por ele:

(...) sí, nací en Serodino, provincia de Santa Fe, el 28 de junio de 1937. Mis padres eran inmigrantes sirios. Nos trasladamos a Santa Fe en enero de 1949. En 1962 me fui a vivir al campo, a Colastiné Norte, y en 1968, por muchas razones diferentes, voluntarias e involuntarias, a París. Tales son los hechos más salientes de mi biografía.²

Pouco menos de dez anos depois, quando Graciela Speranza lhe pediu também uma curta narrativa biográfica para completar sua apresentação no livro de entrevistas *Primera persona*, recebeu dele quase exatamente o mesmo texto, com mínimas alterações.³

Elencar nestas poucas linhas sua "biografia"⁴ ilustra bastante bem a relação de distanciamento que Saer sempre procurou manter entre sua vida e obra. Na citada entrevista a Graciela Speranza, ele chega a afirmar que não vale a pena sequer se deter

muito no assunto, “no por razones de pudor – no tengo ningún tipo de pudor ni de vergüenza – sino porque me parece que no hay una metodología viable para ocuparse del problema. Debe ser por eso que prefiero la ficción”.⁵ O que está em jogo no trabalho literário – e o que importa para a leitura – é, afinal de contas, o texto, não o homem por trás dele. Mas, se retomo as notas biográficas, é para, pedagogicamente, como ele mesmo diria, propiciar uma localização biográfica mínima deste autor argentino ainda relativamente pouco conhecido no Brasil.

Saer começou a publicar em 1960. Ao todo, escreveu onze romances, cinco coletâneas de contos, um livro de poemas, além de inúmeros ensaios críticos, dos quais alguns se encontram hoje reunidos em livro. Aqui no Brasil, vem sendo traduzido desde meados da década de 90: *Ninguém nada nunca*, *O enteado*, *A ocasião* e *A pesquisa* são os romances disponíveis até agora em português.

Tomou como foco de atenção neste artigo um dos romances de Saer, publicado em espanhol em 1982. Trata-se de *O enteado*, que é, definitivamente, até o momento, o romance do autor sobre o qual a crítica tem se debruçado com mais vagar. A minha intenção é delinear minimamente a maneira como a obra tem sido retomada por essa crítica especializada, além de esboçar o lugar que ela ocupa dentro do conjunto da produção saeriana, que tem um perfil bastante peculiar. No entanto, julgo necessário retomar, antes disso, algumas das principais linhas narrativas do próprio romance.

2. O enteado

Na Espanha das grandes navegações, um velho passa suas noites de verão fechado num quarto e, rodeado por folhas de papel, velas, vinho e azeitonas, redige suas memórias. Este velho é o “enteado” do título, que na infância, sem pais ou qualquer outros parentes por perto, teve os portos como berço. A grande aventura de sua vida diz respeito a uma viagem que faz à América, onde presencia, logo no segundo dia da expedição pelas terras supostamente “virgens” do continente, a morte de todos seus acompanhantes de viagem, pelos índios. O enteado é o único espanhol mantido vivo, e passa dez anos entre os indígenas.

Depois deste tempo, ele é recolhido por um novo grupo de navegantes espanhóis, que após exterminar a tribo indígena que o acolhera, retorna à Espanha. Novamente no velho continente, o enteado vive primeiro num convento, na companhia do padre Quesada, a única personagem nomeada do livro, responsável por lhe ensinar a ler e escrever, e por lhe inculcar o gosto pelos textos literários.

O religioso morre, a personagem abandona o convento e topa com uma trupe de atores com que passa viajar por toda a Europa, apresentando um espetáculo escrito por ele próprio, sobre sua experiência de dez anos entre os índios americanos. Mas o sucesso não o satisfaz e o enteado abandona o grupo. Adota algumas crianças e investe o dinheiro que lhe restou da experiência teatral numa tipografia. Passa a imprimir livros, e a ensinar o ofício aos filhos.

Muitos anos depois, com as crianças já adultas, começa a se dedicar à narração definitiva de suas memórias. Estamos de volta ao tempo do início do romance, com o velho, em noites de verão, fechado no seu quarto, escrevendo sobre os dez anos passados entre os índios, refletindo sobre a própria vida e sobre a condição da tribo colastiné.

Falta a este resumo, no entanto, o essencial da experiência do narrador de *O enteado*: os dez anos que ele passa entre os índios colastinés e o porquê de essa experiência ser tão fundamental para a construção de sua personalidade.

Após a morte dos companheiros pelos índios, ele presencia um grande banquete antropofágico na tribo para onde é levado: seus companheiros mortos são cuidadosamente preparados, assados e servidos para a multidão indígena, numa cerimônia festiva. Atônita, a personagem percebe que, mesmo depois do término da carne, a reunião ainda não chega ao fim. Uma preparação alcóolica é servida, o que torna os índios cada vez mais animados e eufóricos, até que tem início uma grande orgia, na qual toda a tribo se abandona.

A orgia se estende por toda a tarde e toda a noite. No entanto, para surpresa do recém capturado, com o passar dos dias o comportamento dos indígenas vai se tornando cada vez mais alheio ao dessas primeiras horas. Cotidianamente, a tribo parecia outra desta que, num primeiro momento, o enteado havia encontrado. Mas passa um ano e, com a aproximação de um novo verão, uma certa agitação passa, mais uma vez, a tomar conta dos índios. Exatamente doze meses depois de tornarem o narrador cativo, uma nova expedição indígena abandona a tribo à caça de novos homens para a realização de um novo cerimonial. Na verdade, nos dez anos em que o narrador permanece na tribo, dez vezes acontece um banquete antropofágico, seguido pela orgia, similar a este primeiro testemunhado por ele.

A maior parte das páginas do romance é destinada à descrição deste banquete, bem como a uma tentativa de análise do comportamento dos índios. Porque, para o narrador, presenciar o comportamento deles ao chegar na tribo o faz pensar – apesar de ser chocante para ele a antropofagia – que os colastinés se adequavam perfeitamente bem à realidade que os cercava. Que eram perfeitamente adaptados ao mundo. Com o passar do tempo, no entanto, o enteado passa a perceber que, na verdade, o contrário era o que acontecia.

Para ele, o “negrume” passa a ser uma marca característica deles. Essa palavra é a que mais aparece quando o narrador tenta descrever alguma coisa relativa à tribo. Com o passar dos anos, o enteado percebe que, ao invés de caber no mundo da maneira ideal como a princípio demonstrava, a tribo na verdade parece afundada num lodaçal arcaico do qual deseja ardentemente se livrar. E, para ele, é exatamente por isso que esses homens acabam repetindo ciclicamente as cerimônias antropofágicas e as orgias, com o intuito de abandonar de uma vez por todas “essa fenda à beira do negrume que os ameaçava, contínua, [e que] vinha, sem dúvida, de algum desastre arcaico”.⁶ Repetir significa buscar um sentido, uma existência plena.

O enteado, na América, é um estrangeiro; um espanhol que acaba de chegar ao continente, capturado por uma tribo indígena que mata e se alimenta de todos os seus companheiros. Acima de tudo, ele *não compreende* o que acontece ao seu redor. Se na Espanha ele era um órfão, se não teve lá nenhuma educação e foi obrigado a se virar por conta própria nos portos, na América a experiência se repete: ser tomado pelos índios tem o significado de um novo nascimento. Em território americano, o narrador se torna duplamente enteado, e tem que, aos poucos, dar conta, sozinho, de ir aprendendo os mais diversos signos, não só da língua, mas também do comportamento colastiné. Nos dez anos que passa no novo mundo, interpretar passa a ser sua ocupação primordial. E, inclusive, parece ser exatamente essa, ao que tudo indica, a intenção da tribo ao deixá-lo

vivo, não o matando como aos seus colegas.

Os índios têm uma palavra com a qual designam o enteado que ele demora muito para decifrar. Desde o primeiro momento, ele é chamado pelos indígenas de *defghi*. É só nas últimas páginas do romance que nós, leitores, encontramos a definição que o enteado consegue atribuir ao vocábulo: um sinônimo possível para essa palavra, segundo ele, seria justamente “narrador”.

E é essa, afinal, a tarefa que leva a cabo. Enquanto a estadia na América lhe proporciona *o que narrar*, de volta à Espanha, o contato com o padre Quesada o capacita *a narrar*. É o padre que lhe transmite as ferramentas de escrita e de leitura, necessárias para que possa registrar as experiências vividas entre os índios. Voltar à Europa, significa, então, outra vez, nascer de novo, por meio de um processo de aprendizagem que se refere explicitamente ao mundo da escrita.

3. A tribo e o “eterno retorno do idêntico”

Curiosamente, em 1982, ao ser editado, *O enteado* parecia o menos saeriano de todos os romances publicados pelo autor até então. Saer tinha escrito até esse ano cinco romances, que apresentavam algumas marcas bastante características: 1º) todos eles se passavam numa região geográfica claramente delimitada, e contavam com um certo número de personagens que reapareciam de texto em texto. Na região argentina da cidade de Santa Fe (que nunca é nomeada nos textos), um grupo de amigos intelectuais, moradores da cidade, e um número de moradores rurais se alternavam para dar corpo aos textos; 2º) a experimentação formal era recorrente nesses primeiros romances, principalmente no que diz respeito ao tratamento dado ao tempo: linearidade não era, em definitivo, uma marca desses textos, sempre sustentados, à la *nouveau roman*, pela repetição e por retomadas e expansões de episódios anedóticos mínimos e banais. Estes primeiros romances pareciam buscar explicitamente um divórcio com relação às categorias tradicionais de representação. O que era colocado no papel eram sempre fragmentos, estilhaços, parte de um todo que não podia ser abarcado pelo texto. O trabalho formal era intenso; tratava-se de uma prosa que se desdobrava em intensa densidade poética.

Ao ser publicado, *O enteado* acaba se tornando uma surpresa para um leitor acostumado a estes textos. Porque ele apresenta uma trama claramente reconhecível, tem uma estrutura bastante linear e, embora ainda apresente uma prosa com grandes inflexões poéticas, traz uma narrativa em catarata, na qual abundam inúmeros sucessos novelescos. Esta surpresa foi assinalada por um dos primeiros textos críticos voltados à análise do romance, escrito pela professora María Teresa Gramuglio, ainda em 1984. Neste primeiro momento, *O enteado* parece uma anomalia em meio a uma obra que parecia tão solidamente construída.⁷ Qual a relação, afinal, entre os índios colastinés, este grumete espanhol e as personagens e recorrências tão caracteristicamente saerianas presentes nos outros romances, e que fizeram o próprio Saer descrever seu modo de escrita como a encenação constante do “eterno retorno do idêntico”?⁸

Hoje, vinte e três anos depois de publicado, este caráter anômalo do romance já é praticamente inexistente. Saer publicou cinco romances desde então, que tiram, de certa maneira, essa marca do *Enteado*. Dois deles, *La ocasión* e *Las nubes*, têm, também, a presença clara do relato histórico. Imaginar, na década de 70, que um romance de Saer pudesse vir a se utilizar desse registro parecia altamente improvável.

Hoje, porém, é possível dizer que utilizar o discurso histórico equivale a transportar no tempo a “zona” saeriana: o que permanece nesses romances, daquelas características comuns às obras anteriores de Saer, é exatamente a região em que eles se passam. No caso do *Enteado*, o local no qual se situa a tribo dos índios colastinés corresponde exatamente à localização atual da cidade de Santa Fe, o cenário saeriano por excelência. Esses índios (e o enteado também, já que divide, ou aprende com os índios a maneira de ver o mundo) são os antepassados das personagens que povoam as narrativas contemporâneas.

A crítica atual parece aceitar, quase de maneira unânime, a existência de um caminho traçado pela obra de Saer que tem em *O enteado* um importante ponto de flexão. A partir do romance, ela se abriria mais à representação, à busca pela apreensão de uma certa experiência (que é, como traçado a seguir, sempre incerta), retomando inclusive certas marcas realistas – daquele realismo do século XIX tão desdido pela década de 70 – tais como a cronologia e a linearidade.

Não há, isso é óbvio, um retorno à estética realista. Mas se, nas narrativas do 70, a impossibilidade da mimesis parecia ser de ordem formal, a partir de *El enteado* esta impossibilidade passa a fazer parte do argumento mesmo dos romances, como se a realidade ela-própria passasse a escapar. O texto se abre mais à representação, embora a “realidade” continue se esquivando. Se antes a literatura parecia buscar se divorciar do “real”, por meio de procedimentos textuais que potencializavam sua inapreensibilidade, agora é ele que se torna problemático por si próprio: existe mais uma problematização desta suposta “realidade” do que da maneira de narrar propriamente dita. Nas palavras da professora Florencia Garramuño, o realismo é que passa, a partir de então, a ser o protagonista do romance saeriano.⁹

De maneira semelhante, o estudo de maior fôlego sobre a obra de Saer publicado até hoje, do pesquisador argentino radicado na França Julio Premat, assinala mudanças no corpus saeriano depois da publicação do romance. Para Premat, o ininteligível seria abandonado em favor de uma reaprendizagem da escrita. O romance narraria um mito de renascimento, ou de nascimentos sucessivos, que estariam relacionados ao surgimento mesmo da obra literária. O enteado recupera, afinal, após perder o domínio da língua por duas vezes, a função de “narrador”. Mas, mesmo assim, sua narração não é feita de certezas. Ele não afirma nada sobre os indígenas. Só especula. Faz conjecturas. As coisas sempre parecem, nunca são.

Neste sentido, as incertezas a partir das quais o enteado descreve a tribo podem jogar uma luz sobre a leitura de outras obras de Saer. Elas possibilitam a percepção de que a busca do grumete é a mesma busca que a das outras personagens, espalhadas pelos outros textos do autor: o anseio pelo reconhecimento de um “si mesmo”, pela percepção de um fluir do tempo, sempre desejante de poder entrar em contato, compreender uma realidade que, por sua vez, é sempre fugidia. Apesar de a personagem pertencer ao século XVI, os interrogantes que propõe sobre o desejo, sobre a contingência e sobre a precariedade da condição humana estão muito ligados ao pensamento do século XX – a Freud e a Sartre, principalmente.

A idéia de repetição é fundamental para a construção da obra literária em Saer. Repetem-se, às vezes, as personagens, os lugares e as situações; mas, principalmente, repetem-se os temas tratados pela obra, como se a ficção sempre voltasse a narrar aquilo que já narrou inúmeras vezes – ou que, justamente, não conseguiu narrar.

Os índios colastinés, no século XVI, parecem pertencer ao campo da sem-razão, ao poço negro, ao lugar do arcaico que é incompreensível e que teima em se repetir. E repetir certos rituais em busca desse significado ancestral perdido, como na pulsão freudiana, torna-se sinônimo de existência. As coisas na língua indígena nunca são, elas apenas parecem ser. Buscando sacá-las da contingência é que eles têm, todo ano, que realizar os festins antropofágicos e a orgia. A repetição lhes dá a sensação de poder, mesmo que de maneira efêmera, compreender aquela realidade inabarcável em que estão inseridos.

O mesmo acontece com o enteado. Sem pais, sem história, divide com esses índios a angústia, a melancolia desencadeada pela sempiterna sensação de precariedade. Sua configuração não é a de um viajante entusiasmado do século XVI; pelo contrário, ele tem o olhar desiludido de um homem do século XX, para quem a realidade tornou-se traumática. O enteado passa por um doloroso processo de crescimento, por meio de nascimentos sucessivos, que lhe possibilitam o acesso à cultura letrada. Se ele não faz parte da multidão indígena que participa dos festins antropofágicos, isso não significa que a repetição não se torne também sua única garantia de realidade. O confronto com os outros, com os índios, torna-se o confronto consigo mesmo. Voltar, na velhice, a redigir sobre os colastinés é voltar mais uma vez à busca do sentido. Do seu sentido, do sentido do outro, do sentido do mundo.

Olhando para o conjunto da obra de Saer, a partir de *O enteado*, as experimentações lingüísticas que impossibilitavam o contato com a realidade parecem ceder passo para uma experiência ela mesma problemática, duvidosa. É o mundo, ou a vida, este “rio arcaico que arrasta os trastes do visível”, que se torna escorregadio, alheio.¹⁰

Ainda que a partir de diferentes caminhos, é sobre este mesmo problema que vários dos livros seguintes de Saer se debruçam: *Glosa*, *La ocasión*, *Lo imborrable*, *Las nubes*, *La pesquisa*, são todos textos que buscam se aproximar de uma experiência de vida irrepitível, sempre traumática, mas que só o conseguem a partir de repetições obstinadas, que parecem não atingir, no entanto, o lugar almejado. Como se o que se busca estivesse, sempre, em outro lugar.

Notas

¹Este trabalho conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

²SAER, J. J. “Razones”. In: *Juan José Saer por Juan José Saer*. Buenos Aires: Celtia, 1986. p. 10.

³Cf. SPERANZA, G. *Primera persona. Conversaciones con quince narradores argentinos*. Buenos Aires: Norma. 1995. p. 149. Há, no texto publicado neste volume, uma única diferença com relação ao de 1984: as razões da mudança a Paris deixam de ser “voluntarias e involuntarias” para se tornarem apenas “voluntarias”.

⁴Hoje, desafortunadamente, caberia agregar a estes fatos biográficos “más salientes” uma nota sobre o falecimento do autor, ocorrido em Paris, onde residia desde 1968, em 11 de Junho deste ano.

⁵SPERANZA, G. *Primera persona. Conversaciones con quince narradores argentinos*. op. cit. p. 151

⁶SAER, J. J. *O enteado*. trad. José Feres Sabino. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 154

⁷Cf. GRAMUGLIO, M. T. “La filosofía en el relato”. *Punto de vista*. no. 20, 1984. & BERG, E. H. *Poéticas en suspenso: migraciones narrativas en Ricardo Piglia, Andrés Rivera y Juan José Saer*. Buenos Aires: Biblos, 2002.

⁸SAER, J. J. “Dos razones”. In: *La narración-objeto*. Buenos Aires: Planeta, 1999. p. 158.

⁹Cf. GARRAMUÑO, F. *Las ruinas y el fragmento. Experiencia y narración en En entenado y Glosa*. Mimeo.

¹⁰SAER, J. J. *O enteado*. op. cit. p. 188

Referências bibliográficas

BERG, E. H. *Poéticas en suspenso: migraciones narrativas en Ricardo Piglia, Andrés Rivera y Juan José Saer*. Buenos Aires: Biblos, 2002.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. In: E.S.B., v. XVIII. RJ: Imago, 1996.

_____. “Análise terminável e interminável”. In: E.S.B., v. XXIII. RJ: Imago, 1996.

_____. “Recordar, repetir, elaborar”. In: E.S.B., v. XII. RJ: Imago, 1996.

GARRAMUÑO, F. *Genealogías culturales: Argentina, Brasil y Uruguay en la novela contemporánea*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1997.

_____. *Las ruinas y el fragmento. Experiencia y narración en En entenado y Glosa*. Mimeo.

GIORDANO, A. *La experiencia narrativa*. Rosário: Beatriz Viterbo, 1992.

GRAMUGLIO, M. T. “El lugar de Saer”. In: SAER, J. J. *Juan José Saer por Juan José Saer*. Buenos Aires: Celtia, 1986.

_____. “La filosofía en el relato”. *Punto de vista*. no. 20, 1984.

JITRIK, N. “Entre el corte y la continuidad. Juan José Saer: una escritura crítica”. In: *La vibración del presente. Trabajos críticos y ensayos sobre textos y escritos latinoamericanos*. México: Fondo de Cultura Económico, 1987.

MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PREMAT, J. *La dicha de Saturno: escritura y melancolía en la obra de Juan José Saer*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2002.

SAER, J. J. *O enteado*. trad. José Feres Sabino. São Paulo: Iluminuras, 2002. [*El entenado*. Buenos Aires: Seix Barral, 2004].

_____. *Glosa*. Buenos Aires: Seix Barral, 2003 [1986].

_____. *Juan José Saer por Juan José Saer*. Buenos Aires: Celtia, 1986.

_____. *La ocasión*. Buenos Aires: Seix Barral, 2003 [1988].

_____. *Lo imborrable*. Buenos Aires: Seix Barral, 2003 [1993].

_____. *La pesquisa*. Buenos Aires: Seix Barral, 2003 [1994].

_____. *Las nubes*. Buenos Aires: Seix Barral, 2004 [1997].

_____. *La narración-objeto*. Buenos Aires: Seix Barral, 1999.

SPERANZA, G. *Primera persona. Conversaciones con quince narradores argentinos*. Buenos Aires: Norma, 1995.

THOMAZ, P. C. *El entenado: a práxis poético-narrativa de Juan José Saer*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.